



21 Desenhos de Malangatana ^{N.} 26/7/93

UMA individual de Malangatana faz-se presente no Museu Nacional de Arte. Exposição primeira após a histórica retrospectiva de mil novecentos e oitenta e seis. Contingências outras a fazerem coincidir a individual do Mestre com a Exposição Colectiva Anual do MNA, no mesmo espaço e, obviamente, para um público comum, certamente que não terão reduzido o impacto da mostra, embora não se ausente de nós essa sensação de que o Mestre talvez pudesse se revelado num outro tempo, num outro espaço, numa outra ambiência individual. Mas os desenhos do Malangatana estão lá. Para todos aqueles que forem

com os olhos para se deslumbrarem. E sobretudo a alma disponível para receber os traços, as sombras, os contornos e a simbologia desse deslumbramento. São vinte e um desenhos de um percurso que se estende desde 1986, naquilo que ele tem criado de mais significativo. Ao contemplar o conjunto dos seus trabalhos, um visitante anónimo diz-me: "Não sei o que será mais expressivo em Malangatana, o desenho ou a pintura". Que

resposta senão o meu incompetente silêncio? É verdade que o desenho nos faz sentir a ausência das cores, mas em contrapartida podemos encontrar a riqueza do pormenor, a sugestibilidade do detalhe. E sobretudo essa espécie de elegia ao corpo. É o pintor que escreve para um dos quadros, em jeito de título: "Baila meu corpo/escuta a música de ti. Próprio/e/meu amado corpo rompes as barreiras/para que tua alma

não sofra mais/baila meu corpo/canta contigo mesmo e eleva o bailado ao épico da tua alma/Ah, baila meu corpo/deixa o rio do teu desejo chegar ao fim/para que não morras asfixiado/Oh, meu corpo baila, baila/deixa tua alma cantar a canção mais bela". E para anteceder o ponto final deste despretensioso texto, talvez nada mais elucidativo que a transcrição deste parágrafo do "Grupo De Amigos Do MNA": "O desenho para ele — e

parece não haver dúvidas de que bem o prova — é a riqueza do traço capaz de dar corpo a toda a imensa imaginação e criatividade que consegue expandir através dos mais intrincados rebuscamentos ou do traço mais limpo, as suas mais profundas emoções, o seu sentir profundamente moçambicano, africano e de habitante por inteiro da totalidade deste nosso planeta Terra".

M. P.